

Improviso, ensaio e expansão: reflexões sobre escola e educação pós-pandemia

Improvisation, rehearsal and expansion: reflections on post-pandemic school and education

Ana Elisa Ribeiro*

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Resumo: Este texto de cunho ensaístico discute questões sobre educação e tecnologias digitais durante o ensino remoto emergencial (ERE), nos tempos mais duros da pandemia da Covid-19, confrontando as questões surgidas nesse contexto – improviso e ensaio – com experiências passadas e ideias para o futuro próximo – expansão. Aspectos como a precariedade infraestrutural e a formação de professores são importantes para esta reflexão, que alude a exemplos e a relatos que ocorreram durante e depois da fase mais difícil da crise sanitária. Pensa-se em uma escola expandida, partindo da crítica ao “híbrido” (tal como vem sendo apropriado) e propondo uma visão multimodal das experiências e dos ambientes de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Educação e tecnologias digitais Educação Pós-pandemia; Visão multimodal de ensino e de aprendizagem.

Abstract: This essay discusses issues about education and digital technologies during Emergency Remote Teaching (ERT) in the toughest times of the Covid-19 pandemic, confronting the issues that emerged in this context – improvisation and rehearsal – with past experiences and ideas for the near future – expansion. Aspects such as poor infrastructure and teacher training are important for this reflection, which alludes to examples and reports that occurred during and after the most difficult phase of the health crisis. An expanded school is being visualized, starting from the critique of “hybrid” (as it has been used) and proposing a multimodal vision of experiences and teaching and learning environments.

Keywords: Education and digital technologies; Post-pandemic Education; Multimodal view of teaching and learning.

INTRODUÇÃO¹

Tratar de educação, escola e tecnologias tem exigido muito de pesquisadores e pesquisadoras, professores e professoras, em grande parte papéis desempenhados pelas mesmas pessoas. Tem sido importante pensar e repensar sobre cada palavra enunciada

* Professora titular do Departamento de Linguagem e Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), docente do bacharelado em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens e do ensino médio. Doutora em Linguística Aplicada pela UFMG. Pesquisadora do CNPq. E-mail: anadigital@gmail.com.

¹ Este texto resulta de uma roda de conversa de que participei em junho de 2021, a convite de colegas do grupo Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade, em atividade na Pós-Graduação em Educação e Cultura da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), aos quais sou grata.

neste contexto, que é tudo, menos pós-pandêmico. Estamos, ainda, vivendo a experiência da pandemia, que nos obrigou e obriga a uma paciência extra. Indóceis, passamos mais de dois anos (até agora) num entrelugar chamado “ensino remoto”, que se mostrou a única possibilidade, e não mais que uma possibilidade limitada, pouco abrangente, improvisada para as aulas e a manutenção das atividades escolares.

“Pós-pandemia”, neste texto, é apenas um modo vago – e talvez esperançoso – de tratar de uma experiência que se estende, que não terminou, mas que dá sinais inespecíficos de que talvez o pior já tenha passado. Será? Assistimos, hoje, enquanto escrevo, à vacinação ampla de pessoas na faixa dos quarenta anos – e desigual em cada região do país; à reabertura efusiva mas desconfiada de escolas da rede pública; ao estabelecimento de protocolos de segurança estranhos ao ambiente escolar, onde, antes, quase tudo era compartilhamento e troca (alimento, material escolar, mesa, cadeira, máscaras...); ao tatear de experiências já no território físico da escola, mesmo que num regime meio monstruoso chamado “híbrido”, que pouco se esclarece. A palavra – híbrido – parece ter se esvaziado de algum sentido mais específico que tenha tido um dia, mesmo no contexto dos estudos de ensino, aprendizagem e tecnologias, para se tornar uma espécie de valise que serve mais a empresários e gestores do que à educação, a alunos/as e professores/as, propriamente.

“Pós-pandemia” não é um tempo absoluto. É ainda um tempo dentro da crise. Um momento de tentativa gradual de sair da experiência mais drástica e entrar em uma outra, a de uma era na qual talvez a escola tenha de ser revista, reestruturada e redesenhada. Mas isso... já queríamos antes, bem antes. A diferença agora é que, talvez, já possamos falar abertamente sobre algumas ideias – e pô-las em prática não parecerá, quem sabe, um desvario. É o que temos visto, no entanto?

TECNOLOGIAS ON

Uma *desvairada*: era como poderíamos nos sentir as pessoas interessadas em integrar tecnologias digitais e novos letramentos ou multiletramentos nas salas de aula das escolas da educação básica. Os ensaios para usos sensíveis e significativos de TDIC na educação cediam lugar às inúmeras e implacáveis dificuldades infraestruturais e até ideológicas pelas quais passava uma professora ou um professor ao tentar se alinhar, por exemplo, aos documentos oficiais brasileiros em vigor desde os anos 1990. Não se trata, então, de nenhuma novidade que, por exemplo: o *texto* seja a unidade básica e o eixo do ensino de língua materna; que as abordagens discursivas e multimodais sejam recomendadas e mesmo instadas; que uma nova ecologia das mídias precise ser não apenas vista, analisada e tratada, mas também usada, empregada e experimentada. No entanto, não foi simples nem fácil tornar essas teorias e recomendações em práticas, se é que o foram, ao longo de todos os anos antes da crise sanitária de 2020.

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), para citar apenas o documento mais recente, é clara sobre a relação inextricável entre gêneros discursivos e tecnologias digitais. Reiteradas vezes, a BNCC menciona as TDIC, e não só. O documento chega a listar gêneros que poderiam ser abordados na escola como parte de

um rol de elementos que formariam leitores e produtores de textos competentes. Fazer isso, no entanto, não seria tarefa fácil sem computadores, Internet e outros itens sem os quais qualquer redação altamente multimodal, por exemplo, não passa de arremedo ou sombra tênue.

Se houve algo que foi possível experimentar durante o ensino remoto, ainda que com todas as tristezas e sustos que ele nos deu, foi justamente o emprego integrado e necessário de TDIC. Justamente elas foram postas em operação, ainda que muito assimétrica e precariamente, para que a escola não se extinguisse por completo nesse momento de isolamento social radical. Esta é uma vivência nossa, de nós que vivemos na segunda década do século XXI, embora incontáveis escolas tenham sido lançadas ao início do século XX quando se depararam com a falta total de infraestrutura tecnológica, situação desvelada pela interdição dos territórios escolares.

Estar *on*, estar plugados, estar disponíveis digitalmente foi um trunfo. Pôr de pé o avatar da escola, ter aulas (síncronas e assíncronas), angariar as atenções, provocar interação, trocar ideias, produzir sentidos, lendo e escrevendo, ouvindo e falando, mediados e mediadas links e telas foi trunfo, embora um trunfo efêmero e relativo.

IMPROVISO E ENSAIO

O que tenho chamado de “improviso” costuma ser entendido como algo negativo, em alguns contextos. Improvisar pode significar não ter preparado nada, não ter estudado direito e, ainda assim, fazer algo de chofre, sem planejamento, que talvez funcione ou dê certo. No entanto, em outros contextos, o improviso é uma habilidade valorizada. Em certos gêneros musicais, por exemplo, saber improvisar é parte esperada e boa do espetáculo.

Professores e professoras deveriam ser formados/as para estudar, para executar com pertinência e perfeição, mas também para improvisar. De nossa capacidade de improviso decorreu tudo o que pudemos fazer naquele primeiro mês de suspensão das aulas, quando também fomos impelidas e impelidos a ocupar um ambiente virtual geralmente desconhecido, inexplorado, com nossos e nossas estudantes igualmente desconhecedores desta possibilidade educacional (quanto aos e às estudantes, para a surpresa de muitos/as que pareciam viver num país imaginário). Os/as jovens muito sabiam sobre jogos, sobre aplicativos de conversa e de paquera, mas entraram conosco a tatear as salas de aula virtuais e sua nova dinâmica. Que dinâmica, aliás?

Do bom improviso nasceram as primeiras salas e murais postados, as curadorias feitas às pressas para que os/as estudantes pudessem ter o que ler e debater, os encontros síncronos cansativos e desajeitados, as gravações amadoras, até que aprendêssemos que as noções de *affordance* e multimodalidade são também muito úteis para se pensar e compreender as aulas em modalidades mediadas por telas e internet. Vejamos:

Que tipo de aula é melhor para ensinar este ou aquele conteúdo?

Que aplicativos podem ajudar a explicar esta matéria?

Que tipo de atividade será capaz de angariar a atenção dos/das estudantes, provocando a interação entre eles e entre todos/as nós?

Sem essas perguntas, e suas respostas, cada aula poderia se tornar um tecido mal remendado de elementos que não fazem com que alcancemos nossos objetivos. Uma aula pode parecer um item sem efeito, uma montagem sem combinação, um produto mal ajambrado que não despertará as pessoas, que são, afinal, quem precisa participar.

Estar *on* tornou-se crucial. Teria sido antes, não tivéssemos subvalorizado o debate sobre a relação entre novas mídias e textos, novas tecnologias e ensino, ou mesmo as possibilidades da escola depois de permeada, e mesmo invadida, pelas linguagens e pelo burburinho das redes sociais, da informação correta e da falsa, dos telefones celulares clandestinos em sala, das éticas e estéticas digitais que atravessaram todos os assuntos e nosso dia a dia. Estar *off* nos pegou, como dizem gerações passadas, “de calça curta”. O curto-circuito, no entanto, pode ser visto como um grande drama... ou como um ensaio para o que está por vir.

ENSAIAR BEM

Diante dos fatos, vamos de novos argumentos. Se a experiência da pandemia, intensa como foi, nos pôde ensinar algo em relação aos links entre educação, escola e tecnologias digitais, talvez seja que podemos construir uma ponte que vá do momento de *improviso* ao *ensaio* para algo mais interessante. Se esta crise nos oferece também uma oportunidade, por que não arregaçar as mangas e pôr a imaginação a funcionar? No entanto, é fundamental não ficar apenas na imaginação.

Se o improviso nos incomodou tanto, podemos pensar que ele cedeu lugar a práticas um pouco mais refletidas. Era inevitável que, com o passar do tempo e a ampliação da experiência, fôssemos aprendendo a fazer o que precisávamos que fosse feito. As atividades das primeiras semanas, uma tradução assustada das aulas presenciais, deu vez a propostas mais bem desenhadas, que passaram a fazer mais sentido para quem estuda e para quem ensina. Se assim pensarmos, talvez possamos enxergar com mais generosidade uma experiência que pode ter sido fundamental para os passos que precisaremos dar adiante. Não nos esqueçamos, todavia, dos dados que já vão sendo divulgados sobre os atrasos, as desigualdades e o não aprendizado dos tempos de ensino remoto; dados esses que devem servir para a reflexão, e não a rechaços impensados. É possível que dados negativos sirvam de argumentação aparentemente imbatível para novos ciclos de desinvestimento e penúria tecnológica e de formação docente.

Quem já consegue enxergar a escola do futuro? Todos os debates a que assisto são pálidas propostas sobre algo que ainda não nos expôs uma configuração convincente; tímidas maquinações de processos educativos que em muito perderam sua graça. Se um dos pontos fortes da escola eram a socialização e o compartilhamento, a interação e o diálogo, na situação sanitária recém-experimentada teremos de lidar com lanches isolados, pátios controlados, zero troca, máscaras na boca (vendas?) e uma forte tendência a que o palco volte a ser apenas dos professores e professoras. Para quem discutia a necessidade de abandonarmos uma pedagogia transmissiva e centralizadora, trata-se de um retrocesso notável. A não ser que...

Vejamos novamente:

Como recriar a educação escolar no sentido da produção de mais autonomia, mais diálogo, mais interação, mais qualidade de vida e mais protagonismo de quem aprende?

Como estabelecer relações mais horizontais entre as pessoas envolvidas nesse processo?

Como repensar o espaço ou o território da escola para tempos de endemia (o passo seguinte à pandemia), ganhando em possibilidades, ensaiando uma expansão da educação, entendendo este momento como um enriquecimento das práticas educativas, e não como uma necessária perda de controle e qualidade?

ESCOLA REITERATIVA E NOVOS DESENHOS

Pois bem: escola e educação não são sinônimas, são sobreposições de certo tipo; e tão entrelaçadas que parecem mesmo uma mistura homogênea inseparável. Nada que algum método de separação fracionada não resolva (ah, a química). A escola, entendida como o espaço privilegiado para o processo educativo, tem importante (e diversificada) função em nossa sociedade, e pretendemos que continue atuando como um modo e um espaço de construção de saberes, sociabilidades e futuros melhores. Minha querida colega, professora Ione Rodrigues², doutora pelo Posling CEFET-MG e experiente docente na educação básica e superior, em um encontro síncrono da pós-graduação, disse que assistimos a uma cena impressionante: a escola deixar de ser espaço de aulas para se tornar o lugar onde as famílias vão buscar a cesta básica. E não foi uma metáfora.

Afora essas funções e importâncias sociais da escola, tivemos de lidar com mediações tecnológicas outras. As tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) podem ser compreendidas como alternativas de mediação, alterando a sobreposição possível. Durante a pandemia, TDIC e educação se encaixaram, se sobrepuseram, e esta era a única solução, ainda que precária, atabalhoada e não universal. Demo-nos conta, rapidamente, de que exclusão é uma preocupação constante, estejamos de que lado for das modalidades da educação escolar. Aqueles e aquelas que atuam na educação “presencial” veem na falta de acesso democrático e amplo às tecnologias digitais uma forma grave de exclusão – educacional e social; já quem atua na educação a distância percebe que a escola física também não chega a todos, não atende a todos e, quando alcança parte da população, o faz de maneira desigual, assimétrica, desequilibrada. Para parte da população, a EaD é um modo de acessar educação escolar³.

Olhos de peixe, cada olho vê só para um lado⁴. Essa mirada separada e lateral não favorece que enxerguemos que as modalidades de educação ou as mediações

² Para um texto sobre avaliação na educação a distância e na pandemia, ver Rodrigues (2020).

³ Para uma reflexão sobre o aspecto inclusivo da EaD, li o trabalho de Tomadon (2021), ainda em fase de qualificação na Universidade do Estado do Mato Grosso, orientada pela profa. Albina Pereira de Pinho Silva.

⁴ É uma analogia aqui, mas deixarei o jogo de imagens por um momento. Animais que têm olhos separados, um em cada lado da cara, podem ter uma visão mais panorâmica, embora menos profunda. Em todos os casos, a evolução para essa forma tem alguma função importante para a sobrevivência e a caça, por exemplo.

alcançam diferentemente pessoas e públicos diversos; que elas não concorriam e não concorrem; que ambas dispensam a desqualificação que sofrem; que uma ensina à outra, como aconteceu recentemente, durante a pandemia, quando as referências existentes sobre ensinar e aprender on-line nos serviram, certamente, de guia para o que teríamos de fazer, com muito menos preparo e conhecimento, numa situação rapidamente chamada de “ensino remoto” (Junqueira, 2020). Nem uma coisa, nem outra, mas com referência em ambas. Certamente algo provisório e passageiro, mas que dura muito, que não é desprezível em nossas experiências docentes e discentes, e que alterará nossos modos de compreender a educação e a escola. Tomara.

Ao que parece, não houve rupturas entre o que fazíamos antes e o que faremos depois da pandemia. Parte dessa liga que se susteve provavelmente tem relação com o ensino remoto emergencial, que, além de manter a escola e seus atores conectados (de alguma forma, ainda que precária), nos manteve no exercício de atividades que plasmam o que já fazíamos: aulas expositivas mediadas por telas, mas ainda expositivas, pouco dialogais; atividades a serem entregues, lidas, comentadas ou corrigidas, devolvidas, etc. Nada completamente diferente do que sabemos e sabíamos, mas também não completamente igual, ao menos em termos de mediação, forçosamente por meio da Internet, durante o pico da crise sanitária. Trabalhos recentes e relatos de estudantes apontam a exaustão do ensino remoto, isto é, mais precisamente o exagero tremendo na produção de atividades compulsórias em disciplinas ministradas por professores que precisavam “mostrar serviço”, e não exatamente ensinar.

Outro elemento que provavelmente impedirá ou ao menos amenizará qualquer mudança radical nas dinâmicas escolares é a própria infraestrutura do território, a arquitetura à qual retornaremos, na maioria das vezes sem qualquer investimento em novos modos de ensinar e aprender. Há, é certo, investimento no redesenho de distribuição da quantidade de pessoas nas salas, no que vem sendo chamado de “protocolos de segurança”, que pouco podem garantir em saúde e aprendizagem; mudanças nos turnos de ocupação dos espaços físicos, ajustes drásticos, estes sim, no impedimento da interação (conversas, proximidade, lanche, trocas de objetos etc.). Mas a estrutura geral em nada mudou. Ou, ao contrário, mudou na direção do distanciamento. Por ora, a socialização e a aproximação estão vetadas. Logo mais, sabemos que as escolas voltam ao normal, talvez sentindo um pulsar mais tenso e mais efusivo, uma espécie de saudade de contato que não significará que sabemos o que fazer.

Devemos lidar, então, com o “híbrido”, que venho suspeitando de que seja traiçoeiro, em especial quanto às nossas relações de trabalho, mas também um termo esvaziado, no qual qualquer sentido cabe, conforme a (boa ou má) intenção de quem decide o que ele será. A dimensão da escola híbrida que vem tendo mais visibilidade é a tecnológica. É híbrido o ensino que possibilita a alternância entre mediações tecnológicas

Os animais temos morfologias oculares, posições de globos e pupilas diferentes entre nós, e enxergamos também de modos diversos. Nós, humanos, temos os olhos juntos, na frente do rosto, e podemos ver em profundidade, embora tenhamos menos alcance na visão periférica. Fazer disso uma metáfora pode ser útil quando pensamos no quanto precisamos enxergar de nossas possibilidades na educação e na construção de futuros mais interessantes para todos e todas.

digitais e a presencialidade tal como a conhecemos, corpos ocupando espaços próximos. Mas é preciso pensar o híbrido nas dimensões fundamentais do espaço e do tempo, e não apenas considerando que estudantes possam alternar seus dias de ir ao prédio escolar. É mais fundamental ainda redesenhar as dinâmicas do/a professor/a. O ponto de partida é o/a docente, embora o/a estudante seja, obviamente, um dos protagonistas nesta cena. Vejamos mais uma vez as inquietações em forma de perguntas:

O que causa ao processo educativo que um/a professor/a dê aulas em dupla transmissão (para quem está no prédio e para quem está em casa)?

Isso é ensino híbrido ou não passa de uma espécie de pleonismo didático? Com quem esse/essa professor/a interage, afinal?

Que qualidades diferentes têm essas interações? Como elas funcionam?

Quando os/as estudantes alternam suas idas ao território da escola, o que acontece à repetição de aulas do/a professor/a?

Aulas simplesmente repetidas têm *affordance* para serem gravadas, certo?

Se o importante é a interação (entre estudantes, inclusive e principalmente), que sentido faz uma dinâmica que incentive a reiteração? Que ritmo esse aprendizado tem?

Fato é que muitas decisões e vários redesenhos (esboços...) vêm sendo tomados ou feitos para atender a muitas questões vizinhas do ensino e da aprendizagem, mas não necessariamente íntimas deles. As preocupações com ensinar bem e aprender bem ficam, muitas vezes, no fim de uma extensa fila de itens que precisam ser atendidos antes, infelizmente.

ESCOLA EXPANDIDA

O adjetivo “expandido” tem sido empregado em várias situações. Conhecemos os resumos expandidos, nos eventos acadêmicos, quando é necessário escrever mais, ampliar o texto, sem que ele deixe de ser um resumo propriamente; também no cinema se tem falado em expansão, quando a ideia é agregar tecnologias que permitam assistir ou ver para fora da película, para além do filme projetado em uma tela; no campo dos estudos do livro também se adjetiva com “expandido”, quando trata-se de fazer do livro uma espécie de ponto de referência para a aplicação de outras tecnologias que permitam ao/a leitor/a ver mais, ver além, ler para fora das páginas, acessar tecnologias e recursos que expandem a história, agregam som, outras imagens, etc. Fala-se também em “livro enriquecido”, para uma outra possibilidade.

Do que tratamos quando pensamos na “escola expandida”? Tratamos do que excede, e não no sentido do exagero; do que transborda, isto é, ultrapassa limites – tempo, espaço – usando tecnologias que permitam que a escolarização ou a educação atravesse o portão, a catraca, a cancela junto conosco, quando saímos à rua, quando atravessamos a avenida (nosso endereço físico); permite ir com as pessoas e dar a todos e todas uma vida escolar expandida, sem necessariamente ser repetida, redundante ou alternada.

Algumas relações são possíveis entre o que se faz dentro dos muros da escola e o que se faz fora dela: substituição, alternância, complementação, encaixamento, suplementação. Nada disso é novidade, ao menos em termos de tempos e espaços. Nossa

experiência de ensino remoto durante o auge da pandemia foi de substituição, uma relação radical e inédita, até ali. Sem frequentar o prédio escolar, utilizamos as mediações tecnológicas digitais como avatar, como espaço emulador de uma escola. A depender do ambiente virtual usado, havia salas, murais, quadros etc. Metáforas de espaços e mesmo de dinâmicas semelhantes às que tínhamos no território físico. Foi uma experiência radical (quando foi), e não é nem a desejável e nem a melhor possível.

Um aspecto em frágil (des)equilíbrio nessa situação é prever ou garantir como cada pessoa acessa o avatar da escola. Isso esteve e está fora de nosso controle. Uns acessam por meio de bons computadores, bons fones, boas conexões; outros, por meio de um celular velho, com plano de dados escasso. Não se pode garantir a mesma escola para todos, nessa modalidade, exceto se houver amplo planejamento e alto investimento para isso, de todas as partes. No entanto, bom lembrar que não se garante a mesma boa escola para todos e todas faz tempo.

O prédio escolar, com toda a sua precariedade, ao menos oferece condições semelhantes a todos e todas, muito embora essas condições sejam, em geral, tão precárias e mesmo hostis quanto um celular velho e seu plano de dados limitadíssimo. É uma analogia possível e facilmente comprovável. Não se pode, portanto, dizer que as escolas físicas deem boas condições a todos e todas. Comparadas entre si, entre redes, entre regiões do país, poderemos enxergar essa triste repartição.

Do ponto de vista da distribuição de tempos, sempre lidamos com as coisas que são propostas e produzidas dentro da escola, na cadência dos horários previstos, de 50 em 50 minutos, por exemplo, e com as atividades que devemos executar fora da escola, em tempos escolares assíncronos, isto é, quando as pessoas produzem em tempos diferidos (e espaços idem). Cada um/a faz algo quando tiver condições, em sua casa, no trabalho, na rua, para uma entrega programada.

Expandir a escola, portanto, não seria apenas imitar o que ela já faz ou emular dinâmicas já conhecidas. É tempo de utopia? Pois: expandir a escola seria redesenhar suas dinâmicas para que ela favorecesse as *contiguidades* que tem com o entorno, as pessoas que transitam, os espaços cá e lá, ao ponto de eles pouco fazerem sentido como dentro/fora, separados, distintos. Na pandemia, fomos impelidos/as a experimentar uma escola totalmente “na nuvem”. Bordas, limites e fronteiras deixaram de ser elementos físicos como muros e calçadas e se tornaram a capacidade instalada (quando havia) de conexão (tecnologia digital) que alguém possui ou não possui. Para uma escola expandida, frequentada no aproveitamento máximo do que faz sentido em suas dependências físicas e virtuais, é preciso pensar sobre o que as digitalidades podem favorecer e o que os analógicos também podem favorecer. É uma *abordagem multimodal* de se pensar as dinâmicas escolares. A questão central, portanto, é: o que é bem ensinado e aprendido numa mediação? E na outra? E como conciliar as duas possibilidades (em termos de tempos, espaços, tecnologias e acessos, claro)? Como orquestrar tudo isso, alcançando o melhor dos dois mundos?

Muito menos do que uma solução, este ensaio quis ser uma provocação para que pensemos – e façamos – a escola pós-pandemia. E, por que não, um desabafo de uma

professora que viveu o ensino remoto, sem se esquecer, por uma perigosa via nostálgica, dos enormes desafios e dos problemas da educação que chamamos de presencial.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Homologada. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf> Acesso em: 2 nov. 2019.

JUNQUEIRA, Eduardo. A EaD, os desafios da educação híbrida e o futuro da educação. In: RIBEIRO, Ana Elisa; VECCHIO, Pollyanna de M. **Tecnologias digitais e escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2020. p. 31-39.

RODRIGUES, Ione A. N. O mundo muda, a avaliação muda: reflexões sobre a avaliação da aprendizagem remota. In: RIBEIRO, Ana Elisa; VECCHIO, Pollyanna de M. **Tecnologias digitais e escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2020. p. 44-54.

TOMADON, Mariana da S. **Letramento digital na formação de professores de Letras egressos da Educação a Distância**. Dissertação (Qualificação de Mestrado em Letras - Estudos Linguísticos), Universidade do Estado do Mato Grosso, 2021.